

RUA DONA ANA GONZAGA

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-lei nº 311 de 13-11-1945

Aprovado pela Resolução nº 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo

Formada pela rua 10 do Arruamento Bueno de Miranda - Taquaral

Início na rua Paula Bueno

Término na rua Ary Barroso

Taquaral

Obs.: Em 1945, esta rua constava do Cadastro Municipal como a rua 77 do Guanabara. Esta rua foi também conhecida por rua João Fortunato. O decreto nº 92 foi revogado pelo decreto nº 94 e ambos foram assinados pelo Prefeito Municipal, em Comissão, Perseu Leite de Barros. O decreto-lei nº 311 foi assinado pelo Prefeito Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá.

#### DONA ANA GONZAGA

D. Ana de Campos Gonzaga, nasceu em Bananal, neste Estado, em 07-maio-1845 e faleceu em Campinas, em 24-outubro-1916. Casou-se em 1859 com o dr. Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga, distinto médico que durante muitos anos clinicou em nossa cidade. Acompanhando o marido, aqui fixou ela sua residência, onde desde logo se tornou estimada. No pequeno hospital que, a expensas próprias, o dr. Cassiano manteve em Campinas, d. Ana Gonzaga desenvolveu grande atividade e foi a animadora do mesmo, pelo seu espírito diligente e caritativo. Dotada de coração bem formado e muito religiosa, sempre esteve pronta para auxiliar instituições pias e beneficentes de Campinas. Todavia, sua obra de maior vulto e a fez merecedora do respeito e das homenagens dos pósteros, foi o trabalho que desenvolveu para a conclusão da igreja de São Benedito. Apesar dos esforços e dedicação do Mestre Tito, idealizador e construtor dessa igreja, o peso dos anos dificultava que chegasse à sua conclusão. Auxiliando-o nos fins de seus dias a angariar donativos, com a morte do idealista africano, d. Ana Gonzaga assumiu a responsabilidade de levar a termo o sonho do Mestre Tito. Promoveu leilões, saraus musicais e outras festas, coadjuvada por amigos e senhoras da sociedade, terminando a igreja a 11-outubro-1885. Nesse mesmo ano, o Cônego Nery fez inaugurar em dependências da igreja São Benedito, os retratos de Mestre Tito, de d. Ana Gonzaga e de Francisco Bueno de Miranda.



## Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

**D E C R E T A :**

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação. Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,  
ADMAR MAIA



## Decreto-Lei N. 311

## DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. 1, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939, DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ BALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA BARÃO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA DONA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Betim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Ranulfo Sales;

RUA ÁLVARO VILAGELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Ranulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SOBRE' — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

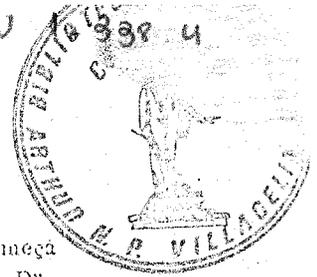
RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO PEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bicudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emílio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapadão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



## Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHIA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Penteado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmiento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lins e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guanabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo, em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emilia Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de terreno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA CARLOS KAYSEL — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Monteiro;

RUA LUIZ SILVERIO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOÃO EGÍDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Botim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



## Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retôrno;

RUA BERNARDINO DE SENA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retôrno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Mala;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1905);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro. (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANEBORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA'

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADNAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



## DONA ANA GONZAGA

Dona Ana de Campos Gonzaga, nascida em S. João Del Rey, mas campineira de coração foi outro exemplo de mulher extraordinária. Muito piedosa, ao casar-se com o médico benemérito de Campinas, dr. Cassiano Mendes, dedicou-se à continuação das obras da Igreja São Benedito que estavam paralisadas desde a morte do mestre Tito em janeiro de 1882. Criatura dinâmica e de muitas amizades, costumava promover famosos leilões de prendas, saraus musicais e outras festas para angariar fundos. Com o trabalho incansável de d. Ana, hoje a Igreja de São Benedito está aí transpondo as barreiras do século. Um monumento da cidade.

(Extraído de "Presença Feminina" do suplemento do "Diário do Povo", de Campinas)

BENEMERITOS DE CAMPINASD. ANA DE CAMPOS GONZAGA

Natural de S. João Del Rey, Minas, d. Ana de Camargo Gonzaga contra-  
iu nupcias com o dr. Cassiano Mendes, benemerito medico de Campinas.  
Piedosa dama, cujas virtudes religiosas e morais eram por todos conhe-  
cidas e proclamadas, foi a continuadora das obras da Igreja de S. Bene-  
dito, que se encontravam paralisadas desde a morte do mestre Tito, em  
Janeiro de 1882. Tratou ela, com dedicação imensa, de promover os meios  
necessarios para a obtenção de recursos visando a conclusão do Templo,  
realizando leitões de prendas, saraus musicais e outras festas.

Em 11 de junho de 1885 teve a alegria de assistir a inauguração da  
Igreja, templo sagrado por d. Joaquim Vieira, bispo do Ceará e funda-  
dor da Santa Casa de Misericordia. Seu retrato se encontra na sacristia  
da Igreja, ao lado dos retratos de outro benemerito, Francisco Bueno  
de Miranda e do Mestre Tito.

*Cam*



## Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

XLI

# ANA GONZAGA

(Começa na rua Paula Bueno e termina na Linha da Mogiana no bairro do Taquaral).

A denominação foi dada pelo Decreto n. 92, de 13 de Março de 1945, depois revogado pelo Decreto n. 94 de 1 de Maio de 1945 sendo a denominação definitiva dada pelo Decreto-Lei 311, de 13 de Novembro de 1945. Tem 15 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS: —

Ana de Campos Gonzaga, nascida na cidade de Bananal (Estado de São Paulo), aos 7 de Maio de 1845 e falecida nesta cidade de Campinas, aos 24 de Outubro de 1916, com a avançada idade de 71 anos, foi batizada aos 12 de Julho de 1845, na Matriz do Senhor Bom Jesus do Livramento, na sua cidade natal. Era filha do comendador Manoel Venâncio Campos da Paz, pertencente à tradicional estirpe, sendo, o progenitor pai de vultos notáveis de sobrenome Campos da Paz. Casou-se em 1859, aos 14 anos de idade, com o Dr. Casiano Bernardo de Noronha Gonzaga, natural de São João d'El-Rei, distinto médico que durante muitos anos clinicou aqui em Campinas, vindo a fa-

lecer aos 28 de junho de 1887.

Era d. Ana Gonzaga dotada de um magnífico coração, servido por alto espírito religioso, tendo auxiliado diversas instituições pias e beneficentes de Campinas, onde a princípio foi a colaboradora segura de seu esposo no hospital que o mesmo aqui manteve às expensas próprias. Mas, a sua obra que maior vulto, a que a tornou digna e merecedora da estima e das homenagens póstumas, foi a conclusão da igreja de São Benedito, cuja iniciação se deve ao velho africano Tito de Camargo Andrade, mais conhecida por Mestre Tito.

Para esse fim, d. Ana Gonzaga promoveu todos os meios necessários no sentido de obter recursos, realizando leilões de prendas,araus musicais e outras festas, para o que foi coadjuvada, por uma comissão tendo à frente o dr. Ricardo de Almeida Sales. As obras desse pequeno templo religioso, a cargo do engenheiro Francisco de Paula Ramos Azevedo, ficaram concluídas em 1885, sendo sagrado pelo Bispo do Ceará d. Joaquim José Vieira. Embora tivesse nascido fora de Campinas, esta foi a sua terra de coração.



### QUEM ERA DONA ANA GONZAGA

A rematadora da igreja de São Benedito, por certo, merece capítulo à parte na história da igreja que foi o sonho de pedra de Mestre Tito. Também são do relato feito pelo dr. Celso da Silveira Rezende os comentários em seguida como membro relator da comissão do Centro de Ciências, Letras e Artes, integrada pelo sr. Celso Ferraz de Camargo e o autor deste livro.

D. Ana de Campos Gonzaga, virtuosa esposa do dr. Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga e filha do Comendador Manuel Venâncio Campos da Paz, nasceu na cidade de Bananal, na Província de São Paulo, aos sete de maio de 1845, tendo sido batizada em 12 de julho, do mesmo ano, na matriz do Senhor Bom Jesus do Livramento, daquela cidade.

Como era de costume na época, casou-se muito moça com aquêle distinto médico, originário da Província de Minas Gerais. Parece que o seu casamento ocorreu em 1859, mas não foi realizado em Bananal, porquanto não foi encontrado o assentamento dêle, na respectiva paróquia. Se essa data é exata, como é de se presumir, estava ela com catorze anos quando convolou núpcias.

Acompanhando o marido, aqui fixou ela sua residência, onde desde logo se tornou estimada. No pequeno hospital que, a expensas próprias, aqui manteve o dr. Cassiano, d. Ana desenvolveu grande atividade e foi a animadora do mesmo, pelo seu espírito diligente e caritativo. Senhora dotada de coração bem formado, servido por espírito profundamente religioso, sempre esteve pronta para auxiliar instituições pias e beneficentes de Campinas, despida de qualquer interesse. A sua obra de maior vulto, que a tornou digna merecedora do respeito e das homenagens dos pósteros, foi, sem contestação, a conclusão da igreja de São Benedito, trabalho a que se dedicou com entusiasmo e abnegação apostolares. A igreja de S. Benedito prosseguia com suas obras, dificultosamente, como todos sabemos. Apesar do esforço e da dedicação do Mestre Tito em angariar donativos mediante a coleta de esmolas, mesmo com o auxílio propiciado pelo vigário Joaquim José de Souza e Oliveira, que foi, como sabemos 16.º pároco de Campinas; com a valiosa cooperação da Irmandade de São Benedito e com a do padre Cipriano de Oliveira os quais inegavelmente deram impulso às obras, estas

(Este trabalho é uma cópia xerográfica das páginas 101 a 107 da "Historia da Cidade de Campinas", de autoria do historiador campineiro Joaquim Brito, pseudônimo de João Batista de Sá, Volume 11, Editora Saraiva, S. Paulo, 1960)

não chegavam à conclusão. Ou prosseguiam penosamente, difficilmente. Com a morte do Mestre Tito parece que desaparece a força propulsora da construção do templo. Foi este, aos poucos, caindo em estado de completo abandono, e não era mais que um amontoado de ruínas, quando d. Ana de Campos Gonzaga de motu próprio, dispendendo um esforço hercúleo, chamou sobre os seus frêgeis ombros de mulher a árdua e arrojada incumbência de terminá-lo. Seu espírito profundamente religioso e a muita devoção que dedicava ao santo deram-lhe extraordinária força de alma, para aplicar-se com dedicação constante ao prosseguimento da construção do templo, multiplicando-se em iniciativas de toda ordem e sujeitando-se aos maiores sacrificios, até que conseguiu ver a igreja terminada. Nesse esforço ingente de dona Ana de Campos Gonzaga justo é que se destaque a cooperação de uma comissão que já ressaltamos, composta pelos drs. Ricardo, Francisco Bueno de Miranda e Francisco Alves de Almeida Sales, os quais muito a auxiliaram na consecução de seu ardente desejo. Logo depois de terminada a igreja, a 11 de outubro de 1885, o cônego João B. Corrêa Néri, ainda nesse mesmo ano, para homenagear a sua rematadora e ao mais proficuo cooperador do mesmo templo católico fez collocar em uma de suas dependências seu retrato, isto é, de Mestre Tito, de d. Ana e de Bueno de Miranda.

Tendo ella perdido seu espôso falecido nesta cidade em 28 de junho de 1887, transferiu residência para São Paulo, Capital, onde permaneceu por muitos anos. Estando, porém, com dilatada idade e presentindo que o seu fim estava próximo, voltou à generosa e hospitaleira Campinas — sua terra de adoção e coração, para aqui cerrar os olhos e recolher-se ao seio de Deus. Faleceu em 24 de outubro de 1916 e aqui está sepultada, no cemitério do Santíssimo, quadra I.ª, n.º 8, em companhia de seu espôso.

\* \* \*

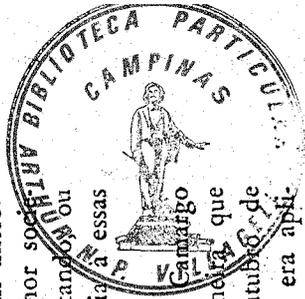
Seu aparecimento no cenário da conclusão da futura igreja do Campo da Alegria ocorreu justamente naqueles dias de quase desânimo de Mestre Tito. Entrando em entendimento com o continuador do trabalho do Cónego Melchior, vendo que os trabalhos se interrompiam de quando em quando, caminhando com difficuldade sua conclusão, apesar do esforço continuado de Tito, D. Ana Gonzaga em 24 de dezembro de 1876 fez publicar pela imprensa um apêlo, rogando "às pessoas que quisessem auxiliar no término da Capela de São Benedito, a bordade de se unirem a ella, o quanto antes" apêlo esse que assinava juntamente com o Padre

Cipriano. Organizou-se, então, uma lista para que as senhoras de nossa sociedade contribuissem mensalmente com a quantia de 1\$000, durante a conclusão daquela igreja. Voltaram os leilões que tiveram maior intensidade nos anos seguintes, principalmente no de 1878, quando se escrevia que "êle seria realiza'o por d. Ana de Campos Gonzaga, porque ella se impuzera a missão de concluir a igreja de S. Benedito, e ao seu esforço se devia o adiantamento das obras do templo" (Diário de Campinas", novembro de 1878).

Prendas importantes figuraram no leilão organizado quando, então uma simples rosa alcançava o preço avultado de um diamante". Vendiam-se ramos de flôres, confeccionados em "cavaco", trabalho original de uma senhora campineira que se escondia no anonimato; uma simples "sempre-viva" custava 5\$000 e uma rosa valia um dinheirão, alcançando-se nesse tentame, somente em um dia de trabalhos, em 31 de dezembro de 1878, a receita de 1:627\$500. Também homens de nossa sociedade contribuíam decisivamente para a igreja, tendo até o dr. Cândido Barata, que seria futuramente Delegado de Políciã na Côrte, recitado poesia de sua lavra no salão do "Cultura" onde se realizava o leilão de prendas. Nessa noite a renda atingiu a 2:548\$000, o que, convenhamos, era importância digna de se destacar, dado o valor de nosso dinheiro naquele ano.

O leilão, geralmente, iniciava-se como era de costume, às 6 e meia da tarde nos dias úteis; aos domingos e feriados eram realizados com antecedência, às primeiras horas da tarde, tendo pessoas da nossa melhor sociedade tomado parte nessas realizações ou fôsse recitando, ou cantando ou tocando piano, manciara muito em voga de se atrair boa assistência a essas festas de requintado bom gôsto como soiam ser no tempo.

O certo é que a tudo isso, mais o esforço de Tito de Andrade juntaram-se ainda as senhoras da sociedade, de maneira que a congregação cujos fins conhecemos, fundada em 31 de outubro de 1879, contava inicialmente com 340 sócias e o rendimento total era aplicado naquelle trabalho. Havia sido organizada a original entidade graças aos esforços de d. Ana que via satisfeita prosseguir o acabamento da igreja, muito embora tudo não caminhasse como seria de se desejar. Um ano depois, essa associação prosseguia com entusiasmo digno de nota. D. Ana era incansável no seu mistér, principalmente sabendo-se que, já então, Tito de Camargo Andrade estava baqueando com a sua velhice, doente, quebrado pelo seu esforço, animado, embora, pela sua fé ardente em ver concluída a obra que prosseguia havia tantos anos! Sua mocidade fanára ali, morrêra ali aos pés daquele monumento de pedra que a sua fé ajudára a



consolidar. Ao lado, o velho cemitério, ainda apresentava a mesma feição quase antiga e, de quando em quando, lavada a terra pelas águas da chuva, nas excavações feitas pelo ímpeto da correnteza, um ou outro esqueleto aparecia à flor da terra (1880, esqueleto encontrado pelo sr. Major Joaquim de Toledo). O certo é que, Mestre Tito, constituiu família, residindo em pequena casa ali à rua Luzitana, próximo à igreja que estava quase concluída. Era um homem de estatura mais baixa do que alta, calvo, de barbas brancas talhadas, nos últimos dias de sua vida, verdadeiro tipo do africano — asseverou Alberto de Faria — desses que a barbárie da escravidão roubou aos lares e fugiu aos grilhões do cativo, como diz o poeta dos "Escravos": *Nem vivos eram para morrer...*

Sentindo-se à morte nos primeiros dias de 1881, Tito de Camargo Andrade teve um último desejo: o de, quando morto, ser enterrado na igreja de São Benedito!

Quem sabe a bondade dos brancos iria socorrê-lo naquele seu verdadeiro desejo e fizesse com que seu corpo descansasse para sempre junto à obra que viria como que nascendo de seus braços rijos, de suas mãos calosas, quando seus pés cansados corriam pelas ruas de Campinas esmolando, solicitando, implorando uma esmola pra "São Benedito"? Quem sabe? E, então, o o ex-escravo africano enviou à Câmara Municipal de Campinas um ofício nestes termos:

"Ilmos. Srs. Presidente e Vereadores da Câmara Municipal.

Diz Tito de Camargo Andrade que achando-se, segundo todas as probabilidades, chegado quase ao termo de sua existência neste Mundo e não lhe sendo indiferente o Destino que seus restos mortais poderão ter, Ele vem pedir a VV. SS a Mercê de consentir que seu corpo seja depositado na Sacristia da Capela que se eleva agora nesta Cidade para o culto de Deus, em louvor e comemoração ao glorioso São Benedito, ou, no terreno anexo à dita Capela, fazendo-se, para este fim, um artigo de postura para ser enviado a S. Excia. o Sr. Presidente da Província.

Não pode ser desconhecido de VV. SS. a dedicação com que o supplicante tem se aplicado no serviço da construção da referida Capela, tarefa que, por provisão do Governo Espiritual da Diocese lhe foi incumbida e que a construção da Capela ocupa a séde de um antigo jazigo onde repousam os corpos de pessoas cuja memória é nesta Casa dedicada a famílias principais de Campinas, cujos ossos ficaram, assim, guar-

tidos contra a profanação; e, por isto, éle acreditando ter sido útil ao País se julga merecedor do favor que solicita, ainda mais que a concessão dêste favor não prejudica quem quer que seja, sendo mais uma importante consolação a éle, de primeira magnitude. Ele espera no espírito de equidade e na bondade de coração que julga existirem em VV. SS. encontrar favorável acolhimento a seu pedido, em cujo caso a sua gratidão não conhecerá limites e Ele se julgará mais que remunerado pelos serviços alegados e do pedido.

Espera Deferimento. E. R. Mercê.

Campinas, 25 de agôsto de 1881.

(a) Tito."

O despacho da Câmara, por sua comissão respectiva, veio quase em seguida, sêco e incisivo:

"Não tem lugar o que requer o supplicante, por ir de encontro ao art. 6, § 2.º da Lei de 1.º de outubro de 1828.

(aa) Francisco Glicério, Andrade Couto, F. Quirino, C. Proost."

Em 29 de janeiro de 1882, na modesta residência em que viveu seus últimos dias de vida e de padecimentos, morria Tito de Camargo Andrade levando para o túmulo a última ilusão desfeita que a vida lhe reservara como uma esperança também morta! Morreu o ex-escravo africano quando viúva e alguns herdeiros de seu nome honrado, pois que, de bens materiais, nada lhe restou na existência modesta que levára. A "Gazeta de Campinas", noticiando seu falecimento escreveu "que Mestre Tito com sua habilidade de fazer curativos conseguira angariar fortuna, e outra, de que éle não só se libertára mas também aos seus e contribuíra para a manumissão de muitos escravos, o que o tornára, sem dúvida, um benemérito da Abolição. Por êsse e outros motivos, pois, êsse homem da raça negra deve viver na memória de seus coevos e pósteros".

E a outra fôlha que deveria ser o "Diário de Campinas" assim traçou seu necrologio, em 31 de janeiro de 1882:

"Ante-ontem, à noite faleceu nesta cidade o velho Tiro de Camargo Andrade, que há muito se achava enfermo. Homem de côr prêta, africano que viera para o Brasil em tenra idade,



fôra, outrôra aqui, escravo de ascendentes da família Ferreira. Penteadado. Conseguira libertar-se há muitos anos e tinha, além de outras, uma grande virtude: êsse homem adorava a liberdade e esforçou-se com êxito satisfatório em diversas épocas, valendo-se unicamente de seu trabalho. Era conhecido por esta simples denominação de "Mestre Tito", tendo adquirido estima geral pela sua seriedade no trato social e pela atividade que desenvolvia no desempenho de seus deveres. Graças à sua atividade adquirira pequena fortuna pela qual zelava com critério, trabalhando com admirável perseverança, não obstante sua avançada idade que se calculava em mais de oitenta anos. A êle se deve, em grande parte, a construção da bonita Capela de São Benedito desta Cidade, pois era incansável em obter por todos os meios piedosos, donativos para o adiantamento das obras da mesma Capela. Votava tal dedicação a êsse templo, hoje quase concluído, que ainda há pouco vendo que se aproximava o fim de sua existência, requereu à Câmara Municipal permissão para ser um dia enterrado ali o seu cadáver, o que lhe foi negado. Há muitos anos Mestre Tito dêra-se ao mistério de curandeiro, e, dizia-se, prático e conhecendo muitos remédios especiais, não raras vezes era consultado por um médico distinto desta cidade, diante de um ou outro caso de grave enfermidade. Do que êle entendia, realmente, com perícia inexcusable era da aplicação de sangue-suga, sem achar competitor. Em suma, era um cidadão estimável, o Mestre Tito, digno de um apêto de mão de todos os que compreendem que neste mundo há dois grandes títulos para o homem: a honestidade e o trabalho, mesmo quando êsse homem tenha sido escravo. O saimento do cadáver deu-se ontem à tarde, comparcendo a êsse ato extraordinário número de pessoas de diversas classes sociais, sendo até ao cemitério acompanhado por muitos carros. Esteve, também, presente, uma comissão da Artística Beneficente."

Quanto à certidão do atestado de óbito assim reza seu assentamento existente no 8.º livro de óbitos da Catedral, em sua fôlhas nove:

"TITO DE CAMARGO ANDRÁDE — Aos trinta de janeiro de mil e oitocentos e oitenta e dois foi sepultado no cemitério desta cidade de Campinas, o cadáver de Tito de Camargo Andrade, de 80 anos de idade, mais ou menos, ca-

sado com d. Joana de Camargo. Foi recomendado, e, para constar, mandei fazer êste assento, etc."

Assim, terminou a obra do negro escravo neste mundo do Senhor. Não lhe deram naqueles dias lugar no jazigo e na igreja que ajudára a concluir, quase, o que, talvez, seria muito para sua condição social; mas, em 16 de abril de 1930 a Câmara Municipal da cidade, pela resolução de n.º 983, conferia-lhe no bairro da Vila Industrial o nome de "Mestre Tito". Apenas. Ninguém sabe o que êle foi, nem o que representou na vida da cidade. "Mestre Tito..." algum professor de primeiras letras, quem sabe?

Não fôra o esforço ingente de um ex-vereador, o sr. Edmo Goulart que, por intermédio de um elemento de seu partido político (de quando em quando êles ainda, os partidos, prestam serviços à população...) e Campinas não resgatára uma dívida de honra para com o pobre africano que vira indeferida sua pretensão de dormir seu último sono em um marco de pedra de sua própria igreja.

Edmo Goulart, piedosamente, sabedor de que, ainda, os ossos de Mestre Tito repousavam na quadra n.º 21, sepultura perpétua n.º 259, no cemitério da Saudade conseguiu, por aquêle meio em companhia do Padre Machadinho reviverem a faceta da vida do velho negro africano já morto e, nesse afã, foram até à presença dêsse grande pastor de almas que é D. Paulo de Tarso Campos. O piedoso Arcebispo de Campinas, estudando o assunto, houve por bem conceder permissão para que os restos mortais de Mestre Tito, fôsem, finalmente, tal como desejára há tantos anos, pultados na igreja de São Benedito!

A Câmara Municipal de Campinas cooperou para o bom êxito daquele empreendimento e a transladação dos restos mortais de Mestre Tito consistiu-se numa festa de sentido cívico, com a colaboração da Irmandade de São Benedito, sendo o corpo ou melhor os ossos do velho e antigo escravo de Floriano de Camargo Penteadado depositados em urna junto ao altar-mor da igreja venerada principalmente pelos homens de côr.

Portanto, a data de 29 de maio de 1960, dia da cerimônia, marcou a do evento dos desejos de Tito de Camargo Andrade. Lá estão seus ossos, agora, depois de um movimento que comoveu a cidade de Campinas, tanto quanto êle o fizera no século passado quando, estendendo as miserias mãos calejadas e pobres ao mesmo tempo em que recebia uma esmola, muitas vezes lhe atravam um insulto. E bom que se diga, é bom que saiba. A história não guarda rancores em seus arcanos, mas também, não esconde a verdade.

